



“CABELO RUIM É IGUAL A BANDIDO, VIVE PRESO E ARMADO”

Vanessa Oliveira Monteiro; Wellington Gomes dos Santos

CENTRO EDUCACIONAL DE ENSINO SUPERIOR DE PATOS
FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS- FIP

oliveiravaneessa@hotmail.com
wellingtongs@hotmail.com

RESUMO: Por séculos a palavra e o corpo negro tem sido percebido e tratado como sinônimo de escravidão. A sociedade e a mídia têm se aproveitando dos sinais diacríticos e da pele negra para fortalecer uma colonização já raizada no preconceito e na desigualdade social. Dessa forma, a história e o reconhecimento da afrodescendência vem sendo negada por uma ideologia biopsicossocial e cultural praticada pela sociedade hegemônica branca. Esse artigo tem como objetivo discutir em tempos hodiernos a negritude, especificamente a condição da beleza da mulher negra e a influência da mídia como aspecto manipulador e educador para o processo de desconstrução feminina da beleza negra. A pesquisa foi do tipo qualitativa e descritiva, a mesma foi desenvolvida no interior da Paraíba. Participaram dessa pesquisa 22 meninas na faixa etária entre 13 e 20 anos. Os dados da pesquisa foram realizados a partir de uma entrevista coletiva, tendo como estímulo discursivo o teaser do curta-metragem KBELA da cineasta Yasmin Thayná. Para compreensão dos dados coletados da pesquisa se utilizou a análise de conteúdo de Bardin. Ao término, pode-se concluir que o não reconhecimento ou autoaceitação das meninas/mulheres negras quanto a sua ancestralidade e história estão relacionados aos instrumentos midiáticos que giram a favor de atos discriminatórios existentes numa sociedade egocêntrica de supremacia branca, que desrespeitam a população étnico-racial.

Palavra-chave: Ancestralidade, mulher, negra, mídia e afrodescendência.

INTRODUÇÃO

Há séculos a escravidão e a crueldade estiveram associadas a palavra e ao corpo negro e assim eram vistos e tratados. O sistema escravista apropriou-se do corpo e da pele negra para manter um comando cruel e marcado pela perversidade, os sinais diacríticos serviram como justificativa para ocultar intensões políticas e econômicas construídas com o derramamento de sangue (Gomes, 2002).

O caminho do reconhecimento de suas próprias origens, é por si um percurso árduo e

intenso, porém, é essa passagem que nos faz descobrir a libertação das exigências egocêntricas de uma sociedade contemporânea que grita o preconceito e a desigualdade a todo tempo; mas encontrarmos no passado o conhecimento de sua afrodescendência é libertar o desejo de uma sociedade pacífica, moral e igualitária (Santos, 2010).

Discutir o conceito de o que é ser negro na contemporaneidade é repensar na sua formulação de modo que abra espaço para refletir sobre uma possível representação da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

nova construção do conceito. A palavra negro demanda uma visão pessimista e preconceituosa estando relacionado a fatores esquecidos ou negligenciados no que diz respeito a sua própria história. Na verdade, é que a conceituação do termo parte de uma premissa voltada a ideologia da construção biopsicossocial e cultural do sujeito (Gomes, 2003).

Por conseguinte, pensar na perspectiva de gênero direcionada ao papel do desenvolvimento histórico da mulher, especificamente a identidade da mulher negra é um desafio para uma discussão étnico-racial que exige cautela e reconhecimento da história. Segundo Coelho e Gomes (2015), a mulher negra se insere na sociedade sofrendo o peso da dupla discriminação, raça e gênero. Nesse contexto é importante ressaltar que a opressão vivenciada pela mulher negra não é mais importante que a da mulher branca, porém é necessária a compreensão de que a mulher negra experimenta um conjunto de desvantagens sociais que resultam em uma posição social inferior à da mulher branca.

Falar sobre a mulher em sua condição feminina e, política e eticamente, pensá-la como negra, traz à tona um lugar que provoca grandes questões em sociedades contemporâneas, particularmente no Brasil com sua feição machista-racista. O olhar contemporâneo certamente marcará divisores

de águas, ainda que não constituindo uma leitura rígida em termo linear, porque não há uma linha tênue entre o passado, o presente e o futuro da humanidade (Santos, Rocha e Carth, 2011, p. 9).

Segundo Oliveira (2004), o Brasil é considerado por natureza um país da diversidade étnica e sua identidade é biologicamente mestiça, esse é um resultado que culturalmente não se pode negar, é visível nas grandes diferenças das relações raciais e se mostra também nas práxis que são desenvolvidas na cultura brasileira. A ancestralidade africana é um contexto que prioriza a mestiçagem e o efeito da enorme origem da população afrodescendente.

De acordo com Coutinho (2011), no contexto histórico brasileiro, ao longo dos tempos tem se construído um padrão de estética da beleza negra que apoia os aspectos de um modelo baseado no paradigma europeu, rejeitando assim, a naturalidade, a ancestralidade e cultura de uma sociedade brasileira/primogênita africana. Tais mudanças têm sido impostas no cordão umbilical das mulheres negras, e suas influências tem se repercutidos nas formas das vestimentas, na aparência estética e nos modos de cuidar dos cabelos, valorizando os arquétipos de uma sociedade branca dominante.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A auto aceitação das mulheres negras partem de um contexto cultural e sócio histórico que condiciona o negro ainda criança negar-se ou aceitar a si mesmo e a sua ancestralidade. Os negros têm enfrentado condições desfavoráveis na construção real da história brasileira. É um desafio discutir temas étnico-racial quando a sociedade estar à disposição de uma cultura voltada especialmente branca (Gomes, 2003).

De acordo com Santos et al. (2011), ser mulher negra é enfrentar dilemas para além do que se entende por quesitos etnorraciais, discurso de gênero e até mesmo quando este se direciona para classes, ser mulher negra é enfrentar desafios cotidianos que estão na pele e na alma destas, ou seja, se estende para uma luta interna/psíquica, uma luta política e social. Assim, a busca por leituras do seu povo, o processo de identificação e afirmação enquanto ser negra, e a disseminação de pesquisas nesse contexto, é expressar a história negra omitida, é empoderar, é acrescentar vivências e experiências de modo científico e sensorial.

Segundo Bento (2002), compreender-se e aceitar-se enquanto negra tem influências do preconceito racial e da discriminação que estas mulheres sofreram no período da escravidão e continuam sofrendo na atualidade, logo, existe uma assimilação desse preconceito com o processo de

embranquecimento destas mulheres, uma vez que existe uma imposição da cultura brasileira, cultura esta que se baseia nos padrões branquicistas, europeizados, onde reforça a mulher negra a negar-se em todas as ligações para com sua ancestralidade.

Contudo, fica perceptível a maneira pela qual o conceito de beleza que advém dos Europeus, vai influenciar, moldar e padronizar aquilo que a sociedade, nesse caso a sociedade brasileira entende e internaliza conceitos sobre beleza. Desse modo, cabe aqui uma reflexão sobre como se afirmar ou se ver representado numa sociedade onde em todos os instrumentos midiáticos negligenciam, omitem ou representa de forma negativa a menina/mulher negra?

De acordo com Paula (2012), o debate disponibilizado pela a mídia atualmente, tem mostrado uma visível interpretação da representatividade da mulher negra baseado no enquadramento preconceituoso que tem negado o direito de igualdade política e racial. Tal discurso, tem circulado em torno de uma vertente camuflada em consequência do formato apresentado pelos meios de comunicação, que têm apoiado uma linha de raciocínio no qual coloca a beleza da mulher negra numa posição de inferioridade na sociedade hegemônica de contextualização sócio histórica branca.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Considerando as influências e a importância da representatividade dos instrumentos midiáticos para com a afirmação do sujeito, neste caso, a mulher negra, Silva e Santos (2014), chega à conclusão no seu estudo que as mulheres negras ainda sofrem dilemas cotidianos quanto ao seu processo de identidade e afirmação enquanto negra, logo, infere-se que a omissão ou a desvalorização da beleza negra na mídia, faz com que as mulheres negras se identifiquem com os padrões advindos da supremacia branca, Munanga (1988), discutiu no seu livro *Negritude uso e sentidos* que essa fase de embranquecimento do negro realizar-se-á principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco.

Segundo Santos (2009), a mídia em todo seu contexto, tem adaptado novas formas de entendimento para demonstrar uma associação do corpo da mulher negra como um objeto exposto em vitrines humanas. A corporeidade feminina negra é apresentada como ferramenta discriminatória e desse modo, vem recriando um padrão de beleza idealizado pelas convicções da mídia, reestruturando poderes a uma sociedade que nega a negritude e a diversidade étnico-racial existente em nosso país.

Os meios de comunicação nacionais reforçam a identidade racial negativa do negro, alimentando simbolicamente o ideal de

branqueamento, sendo uma de suas consequências o desejo de euro-norte-americanização que faz com que, mesmo após cem anos do movimento eugenista, que iniciou no final do século XIX, negros e negras permaneçam com as mesmas compulsões desagregadoras de uma autoimagem depreciativa (Santos, 2004, p.10).

É sabido que no Brasil existem números considerados de mulheres negras, logo, sabe-se também que estas estão em posição de duplo preconceito, o de gênero e o racial. Assim sendo, é importante que estas sejam representadas nos instrumentos midiáticos de maneira positiva e representativa, uma vez que estes meios são influenciadores no processo de afirmação na sociedade, porém fica inferido o inverso, a invisibilidade ou a representação de modo estereotipado, levando desse modo a não identificação destas com sua ancestralidade gerando assim consequências como sofrimento psíquico (Winch e Escobar, 2012).

Por conseguinte, fazendo uma ponte com a mulher negra e sua posição na sociedade, Paula (2012), relata que a interação é marcada pelo fator estético de grande relevância na formação de sua identidade, no que diz respeito a beleza negra, o corpo e o cabelo são aspectos predominantemente importantes na identificação de mulheres



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

negras. No entanto, o cabelo crespo é compreendido ou interpretado como um elemento que funda a discriminação e o preconceito social. Assim, esses aspectos são vistos como fatores que simbolizam a aceitação ou a rejeição da identidade negra.

Contudo, Segundo Coutinho (2011), o cabelo é visto como símbolo discriminatório que marca a opressão, despertando no negro o desejo de negar sua cultura, fazendo-o adotar traços peculiares que são inversas as suas características. Percebe-se que a sociedade branquicista expressa uma posição eurocêntrica delineando padrões de estética que são socialmente aceitos, tais atos impõem aos negros uma necessidade de modificar sua estética.

Nesse meio de não representatividade, de estereótipos negativos e de padrões de beleza advindos dos Europeus que as mulheres negras buscam a sua assimilação para com estes, afinal, como se afirmar, se ver representada ou com autoestima elevada numa sociedade onde em todos os meios de comunicação e nas relações interpessoais se reforçam padrões estéticos onde para ser linda é preciso ser branca, magra, alta, olhos claros, nariz fino e cabelo liso?

Considerando o que acima foi exposto, Pires e Mocellin (2016), observou em seu estudo sobre a manipulação dos cabelos crespos, que as mulheres negras que alisam os

cabelos, os alisam devido uma busca por modos mais aceitáveis socialmente de seus cabelos negros, logo por rejeição em alguns espaços, ou seja, elas demonstravam que em alguns espaços como no trabalho existia a necessidade de ser ter cachos perfeitos ou cabelos alisados, o que lhe assemelharia a padrões hegemônicos, uma vez que o cabelo dessa forma é visto como o cabelo ideal para o ambiente em que se trabalha.

É dentro desse movimento europeizado, hegemônico, racista, sexista que as mulheres negras buscam espaços de visibilidade, de aceitação, movimento este onde ter lábios grossos, pele negra, cabelos crespos se associam a estereótipos negativos que são passados de geração, para geração. Assim, esse estudo mostra a importância de se discutir e exprimir as consequências que meninas e mulheres negras ainda enfrentam quanto aos padrões de beleza ditados pela supremacia branca, o que fazem com que estas se desvinculem da sua ancestralidade e busquem assimilarem-se as mulheres brancas.

Portanto, se faz importante esta discussão uma vez que meninas e mulheres negras ainda buscam embranquecimento por influência da mídia, que se ausenta quanto à representatividade positiva da mulher negra, bem como do sofrimento psíquico que estas enfrentavam quando tinham seus cabelos crespos, advindos dessa forma de uma



sociedade que se diz democrática e igualitária. Ainda assim, se faz necessário à importância de se levar esta discussão de maneira mais acentuada no campo da Psicologia, uma vez que esta se aparece omissa quanto a suas contribuições frente às questões étnicorraciais.

METODOLOGIA

A pesquisa foi do tipo qualitativa e descritiva, a mesma foi desenvolvida no interior da Paraíba. Para a absorção dos dados foi realizado uma entrevista coletiva, usando de alguns estímulos para a discussão, como o teaser do curta-metragem KBELA com direção de Yasmin Thayná. Participaram dessa pesquisa 22 meninas com idades entre 13 e 20 anos. Para compreensão dos dados coletados da pesquisa se utilizou a análise de conteúdo de Bardin. Desse modo, considerando que essa pesquisa envolve seres humanos, é essencial o atendimento aos aspectos éticos, considerando a resolução 466/12, asseguramos ao participante o bem-estar, sigilo, respeito e liberdade em interromper a pesquisa a qualquer momento, bem como minimizar ao máximo qualquer risco que a mesma possa gerar, garantindo assim uma saúde física e psíquica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados aqui obtidos através da entrevista coletiva foram submetidos à técnica

de análise de conteúdo, ordenados e sistematizados em categorias, desvelando resultados importantes a respeito da temática em categorias, sendo estas conceituadas abaixo.

A Beleza Maquiada

Nessa categoria, as meninas acreditam que beleza é algo importante para a sua feminilidade, porém, muitas delas relatam que para ter essa beleza é necessário meios em que estas possam sentirem-se belas, como através da maquiagem, o perfume, o cabelo arrumado. Não necessariamente se prendem a uma beleza natural, porém, afirmam também a importância mesmo que em número inferior, da “beleza de dentro” como fala uma das participantes. O que fica aqui compreendido em maior porcentagem é a ausência de uma beleza natural na maioria das participantes. Os dados acima citados se apresentam nas falas abaixo:

P: *“Sem beleza nós não somos nada, ainda que a gente seja feia, tando arrumado, maquiada, torna uma pessoa bonita.”*

P: *“Me arrumo, me ajeito, me perfumo.”*

P: *“Eu sou linda.”*

P: *“Depende, porque a pessoa que se maqueia toda, por fora assim é bonito, mas por dentro é pior que nem sei o que...”*



A beleza branca tem show. A negra? Que horror!

Percebeu-se nesta categoria que as meninas participantes desse estudo ao receber estímulos sobre atrizes brancas, estas se apresentaram de modo ambivalente quanto a serem bonitas e a não serem. Contudo, grande parte das meninas afirmam que estas são atrizes bastante bonitas e que se identificam e se reconhecem em alguma dessas atrizes, como Bruna Marquezine, Giovanna Antonelli e Marina Ruy Barbosa, sendo estas atrizes mulheres brancas, traços finos no nariz e com cabelos lisos, o que se confirma com o que foi exposto acima quando discute que a mídia brasileira coloca a tona papéis das brancas sendo os mais aceitáveis e estereotipados positivamente. Segue abaixo alguma das falas quando as participantes recebem estímulos quanto a atrizes brancas:

P: *“Show”*.

P: *“Bonitas”*.

P: *“Tem umas que são muito lindas”*.

P: *“Tem umas que são muito magras”*.

Contrariando o que as participantes relatam sobre as atrizes brancas, nos estímulos frente as atrizes negras, percebe-se de maneira avassaladora e eufórica a não aceitação destas atrizes enquanto mulheres possuidoras de beleza. Como pode ser visto nas falas abaixo:

P: *“Tem umas que são feias”*.

P: *“Tem umas que só Deus...”*.

P: *“Uma hora estica, uma hora muito cacheado”*.

P: *“Misericórdia”* (Muitas meninas falam isso quando veem mulheres negras no trailer do curta *KBELA*.)

P: *“Tem umas que parece cabelo de bruxa.”*

Um ponto no qual aqui se faz importante ressaltar é que as participantes em momento algum se assemelham ou se veem como meninas/mulheres negras assim como as atrizes, e se direcionam para a ideia de que aquela “não beleza” é exclusivamente delas, assim como uma rejeição para com estas atrizes.

Ter cabelo duro dói

No âmago dessas meninas e mulheres negras se encontra um passado e um presente onde as deixam amedrontadas e possivelmente com psiquismo abalado, quando estas relatam nessa categoria as palavras, a maneira na quais estas eram tratadas antes do seu processo de alisamento, logo, quando estes possuíam seus cabelos cacheados ou crespos. O que se percebe aqui, é que as participantes apresentam estas ofensas de maneira cômica, o que nos faz refletir sobre o racismo e o preconceito moda à Brasileira, onde justifica a agressão verbal, o racismo como forma de se divertir, ou se



distrair, porém, com palavras e atitudes que reforçam estereótipos negativos a mulher negra, estereótipos estes que se vêem na mídia e nas relações interpessoais. Como fica explanada nas falas abaixo, a maneira na qual estas meninas eram percebidas e tratadas pela sociedade:

P: “Cabelo ruim é igual a bandido, vive preso e armado.”

P: “*Bicha do cabelo feio, cabelo duro.*”

Ao acordar o próprio irmão de umas das participantes sempre dizia se referindo ao cabelo desta: “*Vixe, isso tá muito feio.*”

P: “Cabelo de torresmo.”

P: “Cabelo de bucha, cabelo de toin Nega.”

P: “*Cabelo de bruxa.*”

P: “*Não vou andar com essas neguinhas.*”

P: “*Só não chamam a gente de macaco porque da cadeia, né?.*”

O importante nesta categoria, além dos estímulos, ou das contingências em que estas meninas enfrentaram cotidianamente, estímulos degradador da psique destas, uma pausa para como a seguinte indagação: Como aceitar-se ou estar psicologicamente bem numa sociedade racista, que te insulta cotidianamente em todos os contextos que se vá? Ou seja, a maneira pela qual a sociedade se relaciona com a mulher negra, nesse caso, de maneira racista, hegemônica, irá ter influencias no processo de rejeição ou

aceitação do negro para com sua ancestralidade, para com sua estética.

Alisa que é mais belo

Esta categoria direciona-se para a aceitação ou rejeição, o arrepender-se ou realizar-se, e as suas percepções sobre o porquê destas terem realizado o processo de alisamento nos cabelos. Assim, foi percebido que no geral as meninas/mulheres sofreram mesmo que a modo do imaginário coletivo, influencias do externo para que estas realizassem esse processo capilar, influencias estas que é inferido em todas as categorias e na discussão teórica acima, de acordo com o que a sociedade brasileira hegemônica dita, ou seja, sociedade que dita que o cabelo liso ou alisado é o mais bonito e o cacheado ou crespo inaceitável.

P: “*Alisei meus cabelos porque dava muito trabalho para pentear.*”

P: “*Alisei meu cabelo para me sentir melhor.*”

P: “*Alisei meu cabelo porque era duro para pentear.*”

O que aqui ainda se relaciona é que as participantes ao serem indagadas sobre a sua percepção quanto a cabelos cacheados ou crespos, as mesmas se colocam numa posição de indiferentes destas, logo, uma aceitação em nível de “é do outro, não é meu”.

P: “*Não gosto de cabelos cacheados.*”

P: “*Eu só acho bonito nos outros.*”



Uma consideração que se faz ainda nesta categoria é a importância da representatividade dentro do contexto familiar, onde a não representatividade ou a falta de alguém para que a menina/mulher negra se assemelha na família, irá influenciar com a não afirmação destas, afinal, “mamãe também alisa”. Isto ficou compreendido quando a maioria das meninas relataram que suas mães também usam alisantes nos cabelos.

A beleza é feia o preconceito é belo

A ancestralidade, a negritude, os cabelos e a própria subjetividade são aspectos negados pelas meninas/mulheres, no entanto, o ato de negar estar associado ao fator externo meramente social que desfazem suas origens, tornando-se pertinente a condição de negar ou aceita-se como negro, o desejo que é educado e também inconsciente de garantir a aceitação no campo social como indivíduo pertencente a uma sociedade branquicista, faz do negro apoiar-se numa concepção de desconstruir sua identidade a partir da transformação dos seus cabelos à base de alisamento. Nessa categoria, com o estímulo do trailer do filme *KBELA*, foi possível estabelecer um entendimento maior da visão discriminatória e preconceituosa, porém, que é conduzida pela construção sócio histórica. Contudo, há uma nitidez do sofrimento e do preconceito experimentados

na beleza da pele negra das garotas, como pode ser visto nas falas:

P: “*Eu achei bonito, mas tem gente que tem preconceito.*”

P: “*Às vezes muita gente faz o alisamento não é nem tanto pra dizer que tá alisado, é pero preconceito. Eu vi que o que a mulher quis mostrar é que o importante é o que você é igual a todo mundo, mas tem gente que quer mudar pero preconceito. O povo tudo fala, até a família diz que fulano é feio, cicrano é feio, vai fazer o que? Vai fazer o que se nasceu assim? A pele não muda, porque Michel Jackson mudou e morreu. Você muda por fora, por dentro você é a mesma pessoa.*”

P: “*Muda, mas fica tudo feio, do mesmo jeito.*”

P: “*Aqui o que mais tem é isso, de chamar o povo de feio, cabelo duro.*”

P: “*Ah a nequinha, Ah é os escravos, entende né? Tem muita gente que discrimina a gente ainda por ser quilombola, por ser quilombola né? Às vezes por conta do cabelo, da cor. No Rio de Janeiro tem uns pretos que de branco só os dentes e os olhos é um clarão. Quando vai pegar o carro tem gente que... ah não vamos com esses negos não. Não chama de macaco porquê da cadeia. É a gente soma muito prejudicado, por causa disso também. Tao querendo mudar, mas eu mermo, eu falo de mim, eu mudei pra ver se ficava melhor, não sei se outros foram feito eu.*”



CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível sentir, experienciar e observar que os cabelos blacks, os crespos, os cachos ainda são associados aquilo que é feio, que não é arrumado, que rejeitado. É percebido o quanto a beleza destas mulheres se associam de forma mais unificada aos cabelos, ou melhor, os cabelos que estas tiveram que embranquecer devido a uma sociedade cega, condicionada, europeizada, americanizada que ditam os traços sobre o que é belo, logo, exclui e rejeita a beleza da mulher negra. Mas o que se é belo? Onde se encontra a beleza que estes ditam a beleza europeizada, num país que é devidamente e estatisticamente mestiço? Como aceitar-se num país onde não se existe a representatividade? O país e seus meios de comunicação disseminam diariamente o estereótipo negativo da mulher negra, fazendo com que estas introjetam o padrão de beleza que é comercializado na contemporaneidade e suas influências na desconstrução da produção na beleza da mulher negra. O estudo que se fez aqui presente também nos leva a compreender que o país na qual vivemos, é um país racista, sexista, hegemônico, onde destroem e deixa marcas no corpo e na alma de meninas e mulheres negras cotidianamente, fazendo com que estas enfrentem dilemas entre ser ou não ser negra, visto que em todos os aspectos a

mulher negra ainda sofre consequências em todas as esferas da sua vida, já que a sociedade as impedem de ser verdadeiramente quem são, as fazem quererem mudar seus narizes, se envergonharem da sua cor, destruïrem seus cabelos, afinal, cabelo ruim é igual a bandido, tem que viver preso e armado? Até quando o preconceito, o racismo irá oprimir? Até quando ser quem eu não sou, para ser o que eles querem? O que se percebe, o que se sente é a pele arrepiada em busca de empoderamento, a busca para que estas meninas se afirmem e lutem para que o racismo acabe e a igualdade e democracia racial seja de fato algo existente no nosso país.

REFERÊNCIAS

Gomes, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? n. 21, p. 40-51, 2002.

SANTOS, C. F. **Literatura infantil e a identidade da criança negra: construção ou negação?** 2010. 77f. Monografia - Departamento de educação – Universidade do estado da Bahia, Salvador, 2010.

Gomes, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, n.1, p. 167-182, 2003.

COELHO, A.M.S.; GOMES, S.S. O movimento feminista negro e suas particularidades na sociedade brasileira. Jornada Internacional Políticas Públicas, VII.; Maranhão, 2015.

SANTOS, R. M.; ROCHA, C. C.; CARTH, J. L. **Gênero em contexto machista-racista.** Brasília: Clubes de Autores, 2011. 193p. 2v.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Oliveira, F. Ser negro no Brasil: alcances e limites. *Estudos Avançados*, v. 18, p. 57-60, 2004.

COUTINHO, C.L.R. A Estética e o Mercado Produtor-Consumidor de Beleza e Cultura. In: *Simpósio Nacional de História*, 24., 2011, São Paulo.(1-17).

BENTO, M.A.S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo:** estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002, 189p. 1v.

PAULA, R. C. Corpo Negro: Mídiações e performances de raça. In: *Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade – Dilemas e desafios na contemporaneidade, III.*; Campinas, SP. 2012. p.1-15.

Silva, P.; Santos, E.V. Estética Negra: vivência e negritude em mulheres negras sergipanas. *Veredas Revista Eletrônica de Ciências*, Sergipe, v.7, n.2, p. 59-77, 2014.

MUNANGA, K. **Negritude usos e sentidos.** São Paulo. Editora Ática, 1988.

Santos, L. J. A construção do feminino negro no jornalismo de revista brasileiro. *Caderno Espaço Feminino*, Paulista, v.21, n. 1, p. 167-179, Jan./Jul. 2009.

SANTOS, J. B. N. **O negro representado na revista Raça Brasil: a estratégia de identidade na mídia étnica.** Dissertação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2004.

Winch, R. R.; Escobar. G. R. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. *Cadernos de comunicação*, Santa Maria, v.16, n.2, p. 227-245, Jul/Dez. 2012.

Pires, K.T.; Mocellin, M.C. Manipulando cabelos e identidades: um estudo com mulheres negras em Santa Maria-RS, *Revista África e Africanidades*, Santa Maria, v.9 n.21, 2016.

